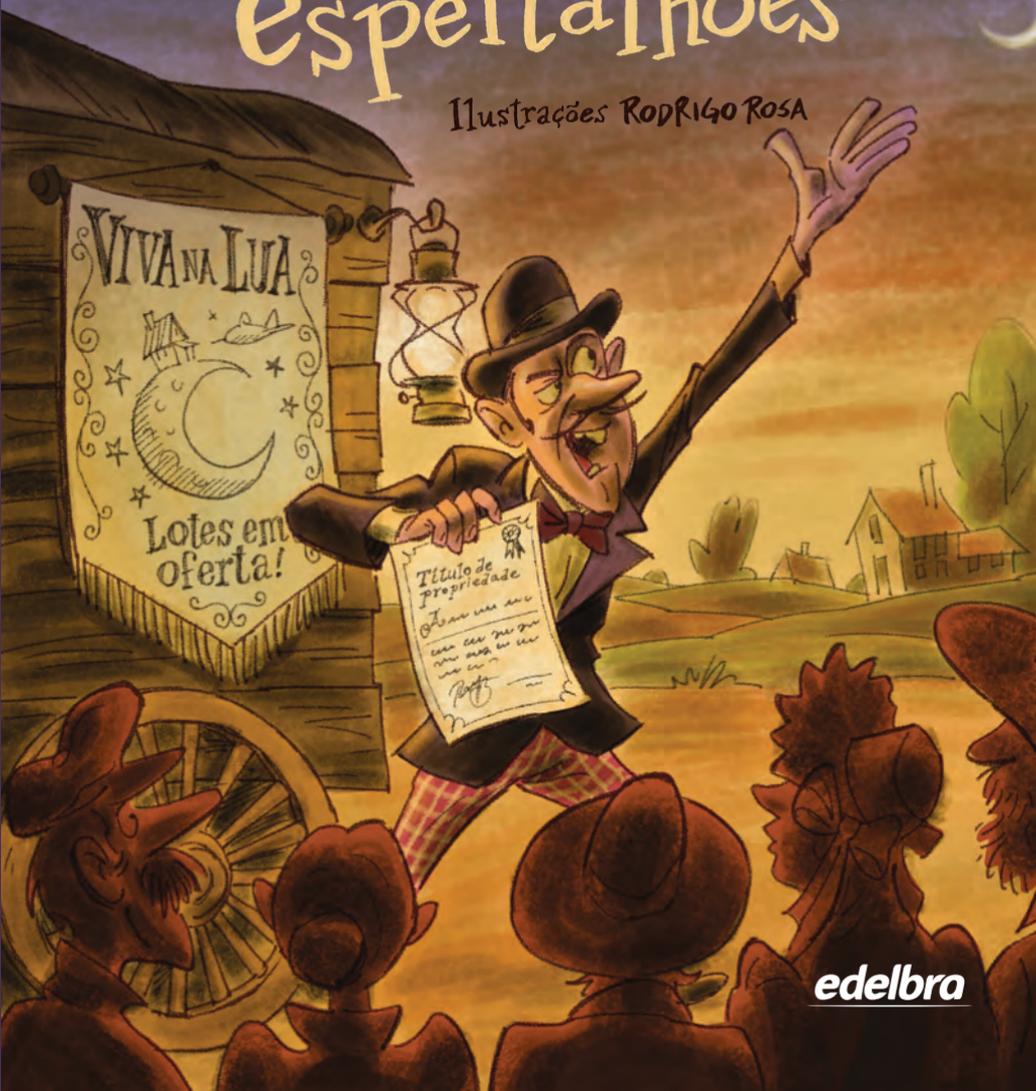


ERNANI SSÓ

# Espertos, espertinhos, espertalhões

Ilustrações RODRIGO ROSA



edelbra



ERNANI SSÓ

**Espertos,  
espertinhos,  
Espertalhões**

Ilustrações RODRIGO ROSA

**edelbra**

2ª edição, 1ª impressão

Projeto gráfico e editoração: Laura Spina

Ilustrações: Rodrigo Rosa

Revisão: Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S767e

Ss6, Ernani, 1953-

Espertos, espertinhos, espertalhões / Ernani Ss6 ; ilustração  
Rodrigo Rosa. – 2. ed. – Porto Alegre, RS : Edelbra, 2018.  
80 p. : il. ; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-85-5590-082-2

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Rosa, Rodrigo. II. Título.

15-26142

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

2018

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de atendimento:

51 2118.4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,  
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.



edelbra

## Eles querem levar vantagem em tudo

Sabe-se, os contos tratam dos grandes medos, começando pelo mais terrível, que nos acompanha desde os tempos das cavernas: o medo de virar janta de feras ou monstros. Depois vêm outros, não menos terríveis, como o medo de ver mortos levantando da tumba, o medo do abandono de pais ou amores, o medo do desconhecido e da violência na figura do noivo animal – como chamam as histórias tipo bela e a fera – ou o medo de não ser o filho desejado. A lista dos medos não termina aqui, mas felizmente a dos contos também não. Entre todos os medos, há um que talvez se considere uma bobagem, mas, se fosse uma bobagem, não inspiraria tantos contos, alguns dos mais divertidos e vingativos. Falo de um medo miserável: o medo de ser enganado.

Como escreveu um amigo meu, o humorista Guaraci Fraga: “Dizem que a cada minuto nasce um idiota. Mas o problema não é esse. A cada segundo nasce um espertalhão”. Está implícito no que o Fraga disse que nós temos certeza, pelo menos uma vez por semana – ou por hora? –, de fazer parte da primeira turma. É a pura verdade. Porque não há quem nunca tenha sido

passado para trás. Por mais espertinho que o sujeito seja, cedo ou tarde ele vai topar com outro mais esperto.

Com o medo de ser enganado, muitas pessoas caem no extremo oposto: o desejo de levar vantagem em tudo, sempre, não importam os meios. Talvez essas pessoas achem que sendo trapaceiras estão livres de ser enganadas. Ou mais, talvez achem que mereçam estar livres e impunes, como se o resto da população existisse apenas para pagar a conta. A maioria das nove histórias contadas aqui trata justamente desses trapaceiros descarados.

No Brasil, o espertalhão mais famoso é sem dúvida o Pedro Malasartes, que não se mixa nem para o Macunaíma. Ouvi muitas histórias dele, quando eu era pequeno, contadas pelo meu pai e pelo meu avô. Assim, no embalo da saudade, pensei em escrever este livro todo com o Pedro Malasartes como herói. Consultei então o grande pesquisador Câmara Cascudo, que reúne praticamente todas as histórias dele, e me decepcionei: o Pedro Malasartes é desonesto e truculento como um político de piada. Por isso, selecionei apenas uma história, aquela em que a esperteza do Pedro luta contra a injustiça e a violência.

Mas nem só de Pedro Malasartes vive o folclore brasileiro. Há muitos outros espertinhos soltos por aí. Espertinhas também. Então, para variar, preferi algumas espertinhas, como a princesa roubeira e a princesa piolhenta.

Falta dizer que o medo de ser enganado aparece em todos os cantos do mundo. Neste livro, conhecemos um juiz de ratos na velha Arábia, um rei gozador na Mongólia, um padre guloso e um sujeito que finge de morto na Espanha. É pouco? Conhecemos o Nicolauzinho e o Nicolauzão na Rússia. Mas espere aí. Partes das aventuras do Nicolauzinho e do Nicolauzão aparecem nos contos celtas ou aqui no Brasil, com o Pedro Malasartes como estrela, trazidas pelos portugueses. Preferi a versão russa por ser a única completa que encontrei, e a mais engraçada.

Não me canso de repetir: as histórias não têm uma pátria certa. Elas acompanham as pessoas em suas viagens. Como a água, que adota a forma do copo que a contém sem nunca deixar de ser água e matar a sede, as histórias adotam novos costumes e novas línguas sem deixar de serem elas mesmas: as alegrias, os desejos e os medos fundamentais que as inspiraram permanecem vivos. Por mais diferentes que sejam por fora um branco e um negro, um vermelho e um amarelo, ou qualquer outra combinação, por dentro todos carregam alegrias, desejos e medos muito semelhantes. Quer dizer, é simples o milagre de que uma mesma história sacie a sede de tantos povos.

E. S.

edelbra

## Sumário

O juiz da tribo dos ratos . . . . .	11
A princesa roubadeira . . . . .	15
O preço do cheiro . . . . .	25
Nicolauzinho e Nicolauzão . . . . .	29
A derrota do rei . . . . .	41
Os narizes cortados . . . . .	43
A multiplicação das galinhas . . . . .	51
A divisão dos mortos . . . . .	59
Couro de piolho . . . . .	65
Sobre este livro . . . . .	77



# O juiz da tribo dos ratos

Arábia

Há muito tempo, quando os bichos falavam e os ladrões só roubavam de ladrões, Jeha resolveu comprar e vender ferro. Comprar barato e vender caro. Enquanto os preços não subiam, o ferro ficava guardado no porão da casa do sócio dele. Mas o sócio, sem que Jeha soubesse, começou a vender o ferro aos poucos.

Um dia, faltou ferro no mercado, e Jeha foi à casa do sócio:

– Chegou a hora, meu amigo. Só nós temos ferro. Vamos vender. Vamos faturar uma nota.

– Nem sei como falar, Jeha. Mas os ratos comeram todo o estoque – o sócio disse, fingindo tristeza.

– Como?! Ratos não comem ferro!

– Mas comeram!

– Vou levar o caso ao juiz.

– Como você quiser, Jeha – o sócio disse. – Mas agora é tarde, já passa das três. Vamos amanhã de manhã.

Mal Jeha saiu, o sócio foi à casa do juiz e contou a história. O juiz achou graça nos ratos que roíam ferro e aceitou um saco de moedas de ouro como suborno.

Na manhã seguinte, Jeha e o sócio foram ao tribunal. Jeha explicou o caso. O juiz, muito pensativo, muito sério, disse:

– Os ratos roem ferro, sim, senhor. Me lembro que, quando era pequeno, minha mãe guardava comida numa caixa de ferro. Os ratos furaram a caixa para chegar à comida. Jeha, o senhor não tem do que reclamar do seu sócio.

Jeha foi direto ao palácio do sultão, contou sua história e pediu a ele:

– Quero ser nomeado juiz da Tribo dos Ratos.

O sultão mandou redigir um documento em que nomeava Jeha juiz da Tribo dos Ratos. Com o documento assinado e selado, Jeha contratou vinte trabalhadores. Em seguida, foi para a casa do sócio e ordenou:

– Derrubem os alicerces.

Os trabalhadores começaram a cavar com picaretas nos quatro cantos da casa. Ouvindo aquela barulheira, o sócio veio olhar à janela:

– Que diabo está acontecendo?

– Leia aqui – Jeha disse, estendendo o documento do sultão.

– Como?! Juiz da Tribo dos Ratos?!

– Isso mesmo, meu amigo. Estou atrás dos ratos que comeram o nosso ferro. Vou prendê-los e condená-los. Como eles vivem embaixo da sua casa...

– Pare, pare! – gritou o sócio. – Eu pago o preço do ferro que eles comeram. Pago o dobro. Mas não toque na minha casa.

Jeha embolsou a grana e foi à casa do juiz com seus trabalhadores. Lá ordenou também que demolissem os alicerces.

Mas, mal as picaretas tinham começado a cavar, o juiz veio à porta da casa, cheio de raiva e autoridade:

– Que baderna é esta?!

Jeha mostrou o documento do sultão e disse:

– Sou o juiz da Tribo dos Ratos. Vim procurar os ratos que roubaram a comida da sua mãe. Vou prendê-los e condená-los à prisão perpétua.

– Alto lá, meu caro Jeha. O estrago causado pelos ratos é menor do que o da minha casa derrubada.

– Sinto muito, é a lei. Não posso deixar criminosos soltos.

– Eu pago. Deixe os ratos em paz que eu pago.

O juiz pagou uma soma cem vezes maior do que o suborno que tinha recebido. Jeha acertou o pagamento dos trabalhadores e foi para casa muito satisfeito. O negócio do ferro tinha sido lucrativo.



# A princesa roubadeira

Brasil

Há muito tempo, quando os bichos falavam e as trapaceiras prometiam tricotar uma manta com fios de água para refrescar o pescoço, um homem tinha três filhos, cada um mais esperto que o outro. A cada filho que nascia, ele plantava uma árvore: uma laranjeira para o mais velho, uma limeira para o do meio e um limoeiro para o mais novo. Eram árvores mágicas.

Um dia, Jairo, o filho mais velho, foi falar com o pai:

– Quero sair por aí e ver o mundo. Cansei de ficar aqui na fazenda. Esse negócio de trabalhar com vacas todo santo dia está me deixando burro.

– Vá, meu filho, mas tenha cuidado. O mundo está cheio de perigos e de espertalhões. Mas, se acontecer algum mal a você, eu saberei por sua laranjeira: ela murchará.

Jairo se foi. Anda que anda, passou por uma velhinha pedindo esmola. Mas não deu nem um centavo para ela.

Dias depois, encontrou um castelo, onde vivia uma princesa muito bonita. Ela o recebeu com pompa. Depois do almoço, quis mostrar sua horta com

centenas de canteiros de couves. Ao cruzarem um riachinho, a princesa puxou a barra do vestido, deixando à mostra os pés e um palmo das pernas. Na volta, ela perguntou:

– Me diga, Jairo, de tudo o que viu na horta, do que mais gostou?

– Das couves. Muito lindas.

A princesa pensou: “Idiota como os outros”. Mas disse, muito amável:

– Vamos jogar baralho?

Jairo era um bom jogador de pôquer. Mas a princesa blefou descaradamente e ele não se deu conta. Depois de perder todo o dinheiro, apostou o que não tinha e perdeu de novo.

A princesa mandou prender Jairo numa masmorra. Lá havia mais vinte rapazes presos. Mas o pior não era isso: o pior era a comida. Café da manhã? Sopão de couve. Almoço? Sopão de couve. Janta? Sopão de couve.

Na fazenda, a laranjeira começou a murchar. Jair, o filho do meio, avisou o pai:

– O Jairo está em perigo. Vou procurá-lo.

– Tenha cuidado. Seu irmão era esperto e mesmo assim se meteu em encrenca.

Jair se foi, perguntando pelo irmão em todos os lugares. Mas pessoa nenhuma se lembrava dele. Anda que anda, passou por uma velhinha pedindo esmola. Mas não deu nem um centavo para ela.

Dias depois, foi parar no mesmo castelo da princesa das couves. Também foi recebido com pompa. Depois do almoço, também foi convidado para dar um passeio pela horta. Ao cruzar o riachinho, a princesa puxou a barra do vestido e mostrou os lindos tornozelos. Na volta, quis saber:

– Me diga, Jair, de tudo o que viu na horta, do que mais gostou?

Impressionado com tantos canteiros, limpos e ordenados, Jair achou que a princesa era maníaca por agricultura:

– Sua plantação. Nunca vi couves mais lindas.

A princesa pensou: “Idiota como os outros”.

Mas disse, muito amável:

– Que tal um joguinho de cartas?

Jair era um ótimo jogador de pôquer. Blefava tão descaradamente quanto a princesa. Mas aos poucos ela foi levando vantagem e ganhou todo o dinheiro dele. Depois que ele perdeu o que não tinha, ela o mandou para a masmorra.

Na fazenda, a limeira começou a murchar. Joel, o irmão mais novo, foi falar com o pai:

– Jair também corre perigo. Vou salvar os dois.

– Não, meu filho, fique. Já perdi dois filhos. Não quero perder mais ninguém.

– Terei cuidado.

– Jairo e Jair também disseram isso.

– Vou assim mesmo, pai. Eles precisam de mim. Joel se foi. Anda que anda, passou pela velhinha pedindo esmola. Deu uma moeda de prata para ela.

– Não dou mais, senhora, porque não sou rico.

– Obrigada, meu filho. Você foi generoso comigo. Serei generosa com você. Tome.

Era uma toalha de mesa, uma bolsa de couro e um violino.

– Quando tiver fome, estenda a toalha e diga: “Bote a mesa, toalha”. Vai aparecer muita comida gostosa – a velha explicou. – Se um dia a toalha lhe faltar, meta a mão nessa bolsa: ela estará sempre cheia de moedas de ouro. Se um dia ela também lhe faltar, toque o violino e viverá alegre.

O rapaz seguiu viagem, em busca dos irmãos. Procura que procura, acabou chegando ao castelo da princesa das couves. Como Jairo e Jair, Joel foi recebido com pompa e levado a um passeio pela horta, depois do almoço. Ao cruzar o riachinho, mais uma vez a princesa puxou um pouco a barra do vestido, mostrando os tornozelos. Na volta, com a carinha mais inocente, perguntou:

– Me diga, Joel, de tudo o que viu na horta, do que mais gostou?

– A sua plantação de couves é maravilhosa, mas, a senhora me desculpe o atrevimento, do que mais gostei foram de seus tornozelos.

A princesa reprimiu um sorriso e pensou: “Este me serve. Vamos ver como ele se sai no resto”. Então, fingindo-se distraída, disse:

- Gosta de jogar baralho?
- Não sei jogar.
- Eu ensino.

Joel era excelente jogador de pôquer, mas se fez de bobo por várias partidas. Se divertiu muito deixando a princesa pensar que o deixava ganhar. Até que numa partida ele fingiu que blefava e fez a princesa apostar tudo o que tinha. Quando ela se deu conta de que fora enganada, pensou: “Esse é dos meus. Mas, como castigo, vai provar uma dieta de couve”.

Na masmorra, Joel encontrou os irmãos e outros prisioneiros desesperados:

- Essa princesa deve ser uma bruxa. Vai ver, Joel, engorda a gente para comer.
- Mas vocês estão mais magros.
- Então é louca.

Na hora da janta, Joel mandou de volta o sopão de couve e estendeu a toalha:

- Bote a mesa, toalha!

Apareceu de tudo na toalha: frutas, assados, arroz, farofa, sucos e vinhos. De tudo, não: não tinha couve de jeito nenhum.

Foi uma festa, muitos prisioneiros até choraram de alegria. A empregada da princesa, ao ver aquilo, correu para contar para ela. A princesa disse:

– Quero essa toalha para mim. Pague o que o Joel quiser.

A empregada foi à masmorra e ofereceu dez sacos de ouro pela toalha. Joel disse:

– Eu vendo a toalha para a princesa. Mas não por ouro.

– Quer o quê?

– Dormir diante da porta do quarto da princesa.

Ao ouvir aquilo, a princesa esbravejou:

– Sujeitinho atrevido! Nunca, jamais!

– Mas qual o problema, princesa? – a empregada disse. – Ele dorme diante da porta, no lado de fora do quarto, no chão duro, como um cachorro. Enquanto isso a senhora está na sua cama macia. Olhe que a toalha vale mais que isso.

Enfim a princesa concordou. Joel entregou a toalha e dormiu aquela noite diante da porta do quarto da princesa. Mas, mal o dia nasceu, ele foi mandado de volta para a masmorra.

Na hora do café, a empregada trouxe o sopão de couve. Joel mandou que ela levasse a gororoba de volta e tirou da bolsa de couro um punhado de moedas:

– Me traga uns dois carneiros assados, arroz, batatas e molhos. E muito vinho.

A empregada correu para a princesa. Ao ouvir falar da tal bolsa, a princesa disse:

– Tem de ser minha. Ofereça qualquer coisa a Joel. Até metade do reino.

A empregada ofereceu. Mas Joel respondeu que não.

– Troco a bolsa por algo mais precioso que metade do reino. Quero dormir diante da porta do quarto da princesa.

– Isso você já fez – a empregada disse.

– Não pelo lado de dentro.

A princesa estrilou, ao saber da proposta:

– Atrevido, nojento, sem vergonha!

Mas a empregada argumentou:

– Ora, princesa, deixe de fricote. Ele vai dormir no chão duro e a senhora na sua cama macia. Depois, aquela bolsa vale um reino inteiro.

Por fim a princesa aceitou o negócio. Aquela noite Joel dormiu diante da porta do quarto da princesa, pelo lado de dentro. Pela manhã, outra vez foi mandado para a masmorra.

Chegou a hora do café e chegou o sopão de couve. Foi aquela tristeza. Então Joel começou a tocar o violino. No mesmo instante, os prisioneiros começaram a dançar, rindo e cantarolando. Até a empregada começou a dançar – e foi dançando contar a novidade para a princesa.

– Não acredito – a princesa disse. – Preciso ver isso com meus próprios olhos.

Chegando à masmorra, a princesa se sentiu contagiada pela alegria e também começou a dançar.

Ria e cantarolava como uma louca. Nunca tinha se sentido tão bem, e mal conseguiu dizer:

- Me venda o violino, Joel.
- E por que eu venderia?
- Ele tem de ser meu.
- Bom, princesa, se você quer muito, tem um jeito.

- Diga. Faço qualquer negócio.
- Primeiro, solte todos os prisioneiros.
- Eu solto.
- Segundo, acabe com a plantação de couve.
- Eu acabo.
- Terceiro, me deixe dormir na sua cama.
- Isso nunca.
- Então não sai negócio.
- Então não sai. Agora pare a música que tenho mais o que fazer.
- Não vou parar.

Nessas alturas, os prisioneiros estavam caídos no chão de cansaço. Mas mesmo assim ainda mexiam os pés ao ritmo da música. A própria princesa já estava de língua de fora.

- Pare, Joel, por favor!
- Só se me deixar dormir na sua cama.

A princesa teimou: não e não. Joel tocou mais rápido. Mal se viam os pés da princesa saracoteando.

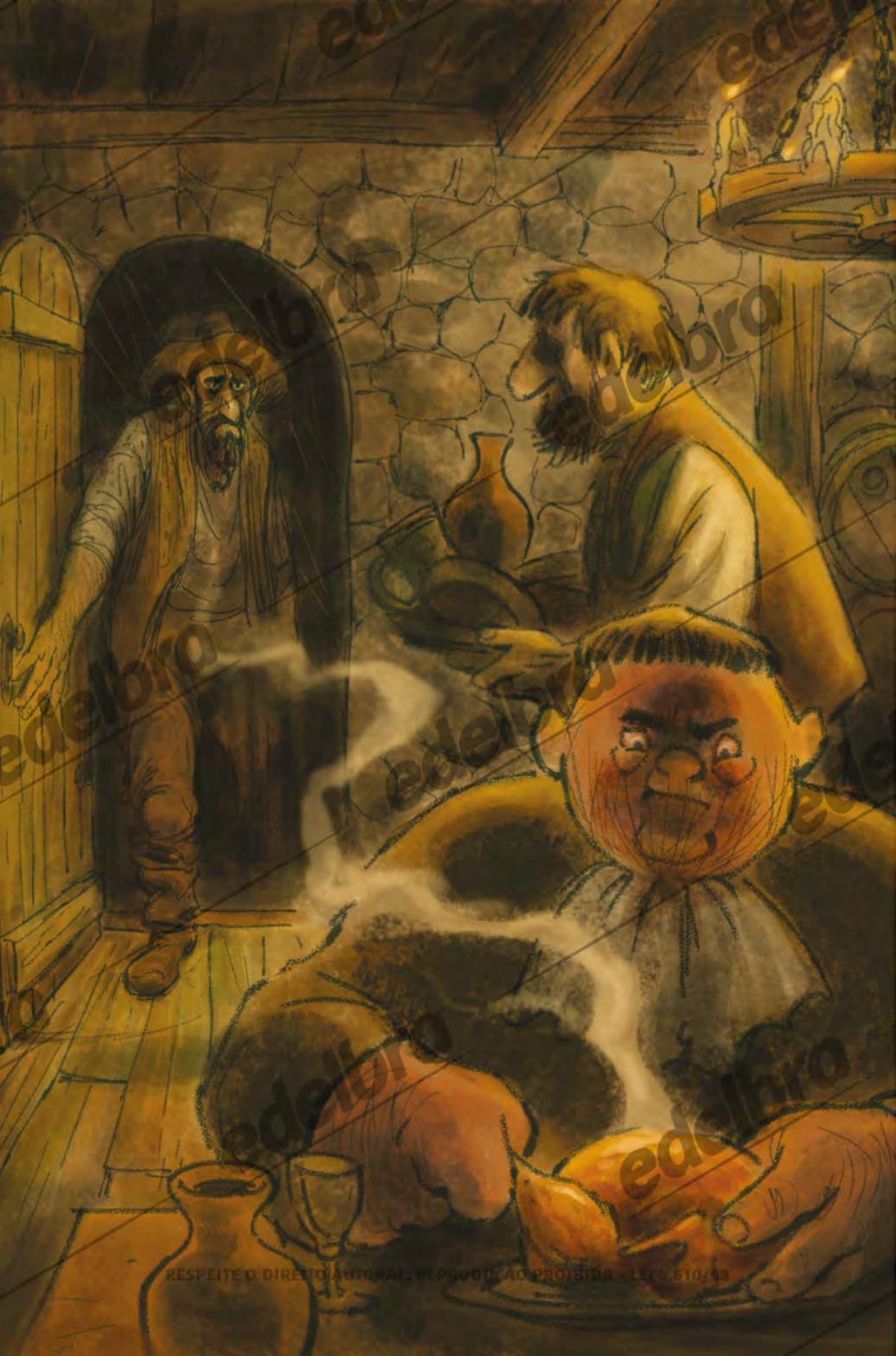
Só quando ela estava tendo uma coisa foi que disse:

– Eu deixo.

Joel parou.

– Mas com uma condição – a princesa disse, sem fôlego. – Você vai casar comigo, seu danado.

– Pode chamar o padre.



RESPEITE O DIREITO AUTENTAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LSI 0.610/43

# O preço do cheiro

## Espanha

Há muito tempo, quando os bichos falavam e um político prometia arredondar a Terra para que girasse mais fácil, um camponês parou numa estalagem com sua última esperança: uma boa janta. Tinha ido à capital conhecer o rei. Achava que o rei, para ser rei, devia ser uma pessoa especial. Mas o rei era uma pessoa comum, mais comum que ele mesmo. Decepcionado, voltou para sua aldeia. Mas, na metade do caminho, anoiteceu e caiu um temporal, com raios e trovões.

– Estalajadeiro, o que há para comer?

– Só pão e água. Este galeto era o último.

O estalajadeiro servia um galeto assado com batatas para um padre gorducho.

– Padre – o camponês disse –, o senhor poderia dividir o galeto comigo?

– Não, meu filho. Este galeto tem um compromisso inadiável com meu estômago, e meu estômago não está nem aí para a fome dos outros.

E o padre bateu na pança, com placidez sonhadora.

– Então, bom apetite – o camponês disse.

E comeu pacientemente o pão com água. Às vezes, olhava o padre e, levantando o nariz, sentia





## Sobre este livro

Aqui você encontra nove histórias de artimanha, ou de esperteza, que representam diferentes países, divertem e provocam reflexão. São contos da tradição oral que foram transmitidos entre gerações. Todos iniciam por uma frase que os situa no passado, mas que também pode conectá-los ao presente, possibilitando pensar em valores éticos imutáveis e na relação próxima que a literatura tem com a vida.

## A obra

Quem nunca se divertiu ao ouvir histórias de personagens travessos e malandros, que enganam seus opositores só para levar vantagem?

Essas figuras fazem parte do imaginário popular e fazem rir com suas peripécias, mas também fazem pensar. São histórias fascinantes, que têm origem na memória oral de povos de diferentes países – como Mongólia, Espanha, Rússia e Brasil –, recontadas com humor por Ernani Ssó e ilustradas por Rodrigo Rosa. Aqui, os personagens querem levar vantagem em tudo, e não importam os meios utilizados. Onde isso vai dar? Em diversão, com certeza! E em reflexão também, pois, mesmo que sejam histórias que existem há muito tempo, elas nos fazem lembrar de alguns espertinhos que ainda estão por aí...

## O autor

**Ernani Ssó** (Bom Jesus/RS, 1953), nada esperto, nasceu numa tarde de neve. Traumatizado, até hoje sente arrepios e só gosta de ver neve em filme. Sua falta de esperteza continuou firme: descobriu que o Brasil era um país tropical apenas na adolescência. Com grande entusiasmo, fugiu para Porto Alegre, burrada de que ele se deu conta no primeiro inverno. Então, em vez de se mudar para o Nordeste, comprou um casacão de lã e umas luvas de couro.

Em 1973, o pobre inocente entrou para o Jornalismo, porque queria ser escritor. No ano seguinte, desistiu, pelo mesmo motivo. Achou isso muito esperto: podia se dedicar apenas

à literatura. Hoje, quando não tem um real para pagar as contas, tem dúvidas sobre essa esperteza.

Mas, em 1987, ele realmente foi esperto: começou a escrever para crianças. Com toda razão, achou muito divertido, mesmo quando quebra a cabeça, porque escrever para crianças é mais difícil do que para adultos. Sabe como é? É mais fácil enganar um adulto, para quem uma boa pose de seriedade é suficiente na maioria das vezes.

## O ilustrador

**Rodrigo Rosa** (Porto Alegre/RS, 1972) já trabalhou como cartunista, ilustrador, quadrinista e chargista colaborador em jornais e revistas nacionais. Tem mais de 20 prêmios em salões de humor no Brasil e no exterior. É autor de adaptações de clássicos da literatura, como *Os sertões*, *Dom Casmurro*, *O Cortiço* e *Grande sertão: veredas*.

Sobre a sua parceria com Ernani só neste *Espertos, espartinhos, espartalhões*, diz: “O bacana de trabalhar nesse livro, além do texto sempre divertido e certeiro do Ernani Ssó, é que me possibilitou pesquisar e descobrir muitas coisas sobre diferentes épocas e culturas. É como entrar num tipo de máquina do tempo criativa e investigar sobre mongóis, hispânicos, russos etc., e de cada um aprender um pouco e com isso enriquecer de detalhes cada ilustração, buscando em cada cena a abordagem e a luz apropriadas. Viajei muito sem sair do lugar, e dei boas risadas com esse divertido bando de trapaceiros”.



# Espertos, espertinhos, Espertalhões

Com o medo de serem enganadas, muitas pessoas caem no extremo oposto: o desejo de levar vantagem em tudo, sempre, não importam os meios. As histórias contadas aqui tratam justamente desses sujeiros, os trapaceiros descarados. Entre eles, conhecemos um juiz de ratos na velha Arábia, um rei gozador na Mongólia, um padre guloso e um sujeito que finge de morto na Espanha. Será que existem espertos, espertinhos e espertalhões também aqui no Brasil?

**edelbra**

ISBN: 978-85-5590-082-2



9 788555 900822